

ESTÁGIO NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: diálogo com o mundo do trabalho

INTERNSHIP IN THE INTEGRATED HIGH SCHOOL: dialogue with the world of work

Camila Noletto Franco¹ - IFG
Fernando da Silva Marques² - IFG
Luciana Campos de Oliveira Dias³ - IFG

RESUMO

Este artigo objetiva discutir o estágio no ensino médio integrado, baseado na percepção dos alunos de três cursos do Câmpus Anápolis do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG). Aborda a visão dos destinatários de uma prática formativa que se constitui como espaço articulador com o mundo do trabalho, cenário que muitos estudantes enfrentarão após o ensino médio. Os procedimentos de pesquisa ocorreram via aplicação de questionário e observação dos discentes no ciclo de palestras oferecido como intervenção pedagógica decorrente de disciplina do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do IFG. Os resultados indicam que a maioria dos alunos concebe o estágio como uma oportunidade de aprendizagem e experiência salutares, estabelecendo conexões com o mundo do trabalho e com suas expectativas quanto à construção de um futuro profissional.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio; Mundo do trabalho; Ensino médio integrado.

ABSTRACT

This article aims to discuss internship in integrated high school, based on the perception of students from three courses of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Goiás - IFG, Anápolis Campus. It addresses the vision of recipients of a formative practice that constitutes itself as an articulating space with the world of work, a scenario many students face after high school. Research procedures included the application of a questionnaire and the observation of the students during a cycle of lectures, the latter being a pedagogical intervention resulting from a discipline of the Professional Master's Program in Professional and Technological Education of IFG. Results indicate most students conceive internship as a healthy opportunity to learn and experiment, when one may connect with the world of work, as well as with their own expectations regarding their professional future construction.

KEYWORDS: Internship; World of work; Integrated high school.

DOI: 10.21920/recei72020618651665

<http://dx.doi.org/10.21920/recei72020618651665>

¹Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás. Graduada em Direito pela PUC/Goiás. E-mail: cnoletto@hotmail.com / ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2194-0558>.

²Mestrando em Educação Profissional e Tecnológica (IFG). Graduado em Licenciatura em Química (IFG). E-mail: andosmarques@hotmail.com / ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5587-1522>.

³Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Graduada em Pedagogia pela Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: lucamposdias@gmail.com / ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6352-9321>.

INTRODUÇÃO

Os conhecimentos práticos na educação profissional e tecnológica de nível médio são basilares para a formação dos alunos, haja vista que, conforme o art. 36-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, Lei nº 9.394/1996 – essa modalidade de ensino tem como finalidade a preparação para o exercício de profissões técnicas, juntamente com a formação geral do ensino médio. Nessas circunstâncias, o estágio assume relevância como atividade pedagógica, pois é comumente entendido como fase da formação em que a prática é aplicada.

Todavia, para que essa formação escolar e profissional ocorra de forma ampla e crítica, é fundamental que a prática esteja alinhada, constantemente, com os saberes teóricos, sob a ótica da indissociabilidade, a fim de que esses elementos possam fundamentar uma melhor compreensão da realidade objetiva e dinâmica.

Essa perspectiva mais abrangente da formação humana, vinculada ao desenvolvimento de suas múltiplas dimensões, concilia-se com a concepção do ensino integrado, que almeja a constituição da autonomia dos educandos e materializa-se por meio de uma compreensão mais aprofundada do contexto social, cujas relações nos reportam à necessidade de aprofundamento acerca do mundo do trabalho.

Sendo o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG) uma instituição que oferece, dentre outras modalidades educativas, o ensino médio integrado, comprometido com a formação integral do cidadão, surge a necessidade de compreender melhor em que condições o estágio ocorre.

Este artigo decorre de uma pesquisa realizada na disciplina de Práticas Educativas na Educação Profissional e Tecnológica, do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado em rede nacional, e do qual o IFG faz parte com o polo situado no câmpus da cidade de Anápolis – GO, local onde também ocorreu a investigação. A pesquisa teve como objetivo verificar a percepção dos alunos acerca do estágio curricular obrigatório e, para isso, foi realizada com os estudantes de três cursos técnicos do ensino médio: Técnico em Comércio Exterior, Edificações e Química.

Por meio da literatura especializada, observa-se que o discente, através do estágio, pode estar em contato mais próximo com a realidade que poderá vivenciar após sua formação escolar e ampliar suas habilidades. É um momento indispensável em que o aluno aprende com pessoas mais experientes, assim como necessita do devido acompanhamento profissional e de uma organização pedagógico-administrativa que compreenda suas potencialidades e dificuldades e que o incentive no seguimento dessa etapa.

Em decorrência disso, faz-se necessário entender a visão dos estudantes acerca dessa prática formativa, procurando conhecer suas expectativas, anseios e necessidades. A análise da realidade a partir da percepção do público para quem é ofertado o estágio, enquanto etapa preparatória para o mundo do trabalho, tem como propósito contribuir para o aperfeiçoamento das relações e dos saberes existentes nesse âmbito e proporcionar uma educação mais democrática por meio do diálogo.

ESTÁGIO CURRICULAR E MUNDO DO TRABALHO

Estágio, segundo o dicionário Houaiss (2009, p. 315), além de outros significados como parte, fase ou etapa em diversas aplicações, é definido como “período de prática que precede a contratação ou a diplomação em certas profissões”. O estágio abordado neste artigo refere-se a este período de aprendizagem, obrigatório como componente curricular dos cursos pesquisados, tendo em vista que estes envolvem a formação básica no ensino médio integrada à formação profissional técnica.

Quanto ao aspecto jurídico, o estágio encontra-se previsto no art. 82 da LDB, mas é à Lei nº 11.788/2008 que compete disciplinar de forma mais específica como ele deve ocorrer. No art. 1º dessa última lei, o estágio é definido como “[...] ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular [...]”. À vista disso, ainda conforme este dispositivo legal, o estágio deve integrar o projeto pedagógico do curso (§1º) e destinar-se “ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho” (§2º).

Dentre os teóricos que versam sobre o tema e apresentam conceitos, reflexões e objetivos, destacamos os posicionamentos de Metz e Pienta (2011), Buriolla (1999) e Pimenta e Lima (2012), que auxiliam a traçar uma compreensão mais aprofundada. Estas autoras descrevem conceitos voltados para o estágio em áreas como a formação de professores e o serviço social, mas que podem ser aplicados a qualquer estágio voltado para a formação profissional, posto que tais conceituações trazem elucidações gerais para a construção dessa fase formativa.

Para Metz e Pienta (2011), o estágio supervisionado é definido como uma oportunidade de aprendizados, uma vez que ao aluno estagiário é proporcionada a convivência em um ambiente onde ele poderá atuar após a conclusão de sua formação educacional. Ademais, trata-se de uma ocasião em que é possível rememorar e aplicar conceitos na prática, sendo essa prática entendida não como dissociação da teoria, mas como sua aliada inerente, visto que a articulação desses elementos propicia uma verdadeira integração no processo de ensino e aprendizagem.

Para as autoras, o estágio é constituinte de uma parte essencial do itinerário de formação do discente e estrutura-se a partir de traços de uma determinada personalidade profissional. Dessa forma, é no exercício dessa prática formativa que o aluno se apropria da profissão e, reconhecendo-se nela, pode adquirir gradativamente a postura e as funções da pessoa que o supervisiona, o que contribui para a estruturação de sua identidade profissional.

Por conseguinte, esta identidade poderá refletir, por meio do futuro comportamento profissional, toda a formação anterior recebida na instituição de ensino e no campo de estágio e, em razão disso, as autoras destacam também ser “[...] imprescindível a articulação do estágio com as demais disciplinas ministradas ao longo da formação [...]” (METZ; PIENTA, 2011, p. 92).

Nessa linha de pensamento, corrobora Buriolla (1999, p. 13) ao definir o estágio como o “[...] *locus* onde a identidade profissional do aluno é gerada, construída e referida [...]”. Desse modo, a realização dessa fase formativa é percebida como atividade de ensino e aprendizagem fundamental para o estudante, constituindo-se como uma experiência profissional voltada para a promoção de uma prática reflexiva e crítica.

Para tanto, segundo a autora, o estágio requer ser compreendido como uma fase agregada de conhecimentos para além do saber fazer (*savoir faire*), sendo alicerçado na prática aliada ao significado de forma a permitir um crescimento em determinada área do conhecimento científico. A partir disso, esta etapa formativa necessita ser planejada e estruturada a fim de proporcionar tanto o saber quanto o fazer como atitudes complementares entre si – ainda que se apresentem distintas conceitualmente –, assim como possibilitar aos discentes uma análise acerca

das relações dinâmicas existentes nos meios institucionais, ao abranger de forma real o contexto da preparação profissional.

Isto posto, Buriolla (1999) ressalta a importância de uma supervisão efetiva no estágio, isto é, a relevância do papel dos responsáveis pelos estudantes no local de realização das atividades para a materialização de um período formativo verdadeiramente enriquecedor e comprometido com o processo de ensino e aprendizagem. Por esse motivo, outra questão salientada é a frequente frustração de estagiários nas suas experiências em razão do exercício de ações não relacionadas à formação em curso, fato que ocasiona lacunas e insatisfações no desenvolvimento acadêmico-profissional.

Essa necessidade de aproximação com a realidade constitui aspecto enfatizado por Pimenta e Lima (2012), sendo abordada como algo indispensável para o alcance de uma nova concepção de estágio que transcenda a frequente dicotomia entre as atividades teóricas e práticas nas ações pedagógicas, bem como o conceito simplista de que o estágio constitui somente a parte prática da formação. Com base nesses conceitos, as autoras advertem que a proximidade com o contexto concreto demanda envolvimento e intencionalidade visto que

[...] a maioria dos estágios burocratizados, carregados de fichas de observação, é míope, o que aponta para a necessidade de um aprofundamento conceitual do estágio e das atividades que nele se realizam. É preciso que os professores orientadores de estágios procedam, no coletivo, junto a seus pares e alunos, a essa apropriação da realidade, para analisá-la e questioná-la criticamente, à luz de teorias. Essa caminhada conceitual certamente será uma trilha para a proposição de novas experiências (PIMENTA; LIMA, 2012, p. 45).

A importância da união entre teoria e prática nas atividades pedagógicas nos remete, por sua vez, à reflexão mais abrangente trazida por Rays (2012), que ressalta que toda atividade consciente do ser humano é pautada pela ligação dos valores teóricos e práticos, na forma histórico-social da atividade-trabalho.

É por meio da junção incessante do pensamento com a ação que o ser humano constrói sua existência, realizando invenções e descobertas que permitem sua sobrevivência ao longo da história da humanidade, através da atuação consciente sobre a natureza e sobre a cultura. Verifica-se, então, conforme o autor, um verdadeiro princípio de identidade entre teoria (conhecimento) e prática (ação), posto que, na atividade social dos homens, a teoria não exclui a prática e vice-versa, sendo ambas elementos dinâmicos das condições socioculturais e das bases materiais da existência humana.

Assim, tanto a atividade cognoscitiva quanto a atividade prática movimentam-se e transformam-se constantemente, pois o homem é um ser que, de forma contínua, produz novos conhecimentos e significados, absorvidos no modo de ser da humanidade. Em todos os momentos da história humana, teoria e prática são elementos que compõem um todo único ou onilateral, que viabiliza ao homem conhecer e operar sobre a realidade que o circunda (RAYS, 2012).

Portanto, continua o autor, é a atividade avaliativa-produtiva sobre a relação teoria-prática que assegura ao ser humano mudanças positivas neste ato de (re)produzir a manutenção de sua vida. Desse modo, a dissociação entre teoria e prática impossibilita ao homem o aperfeiçoamento de sua capacidade de agir consciente e historicamente, algo que também compromete gravemente o processo de ensino e aprendizagem, posto que este deve também ser percebido como uma construção histórico-social em permanente conexão com o ambiente pedagógico, político e econômico.

Entendemos com isso que a articulação teórico-prática contribui significativamente para que o aluno compreenda de maneira coerente e crítica o mundo e a sociedade, ao possibilitar que este sujeito possa entender a organização social em que vive, como o trabalho pode ser mediado pela ciência, tecnologia, cultura e relações sociais e como este pode tornar-se um mecanismo de alienação e mutilação.

Para Gramsci (1982), toda proposta educacional deve unificar trabalho, ciência e cultura. Somente assim será possível entender a articulação entre a capacidade produtiva do ser humano e as capacidades de pensar, de estudar, de dirigir ou de exercer o controle social sobre o meio de produção.

Com isso, Gramsci (1982) defende que os temas relacionados a trabalho e relações sociais sejam definidos nos conteúdos, sem, obviamente, perder de vista que estes compõem as diversas áreas do conhecimento. Este movimento propicia um processo formativo que centraliza a categoria trabalho, o que possibilita aos participantes conhecer as formas de vida compartilhadas por uma comunidade e os significados produzidos e utilizados socialmente pelos grupos humanos que vivem tempos e espaços semelhantes.

Isso significa que é na vida real, que é na atividade humana onde começa a ciência, e é compreendendo a relação entre ser humano e mundo, ou entre ser humano e natureza, que se estabelece a atividade prática humana. Por isso compreende-se que a prática não fala por si mesma, assim como a ciência. Os fatos e os fenômenos precisam ser analisados e interpretados para compreender as relações entre teoria e prática.

Somente mediante essa concepção – comprometida com a realidade objetiva e com finalidades não-arbitrárias – as práticas escolares constituem-se em situações verdadeiramente críticas a respeito do conhecimento científico e tornam-se capazes de afastarem da educação o processo de reprodução das relações sociais de dominação (RAYS, 2012).

[...] a atividade cognoscitiva e a atividade prática, como componentes de uma ação única, constituem-se no fundamento essencial que oferece “vida concreta” ao processo de ensino-aprendizagem. [...] Trata-se, assim, de um ato pedagógico de tipo apropriativo, centrado nas relações do cotidiano escolar, por meio do qual estas são conectadas reciprocamente às relações sociais. Por sua vez, a separação da teoria e da prática no processo formativo escolarizado subtrai ao educando a possibilidade de desenvolvimento integral de suas potencialidades. E essa separação pode significar, em última instância, recortar o que é inerente ao ser humano: sua integralidade biofísica e sócio-histórica. Esse recorte mecânico é injustificável, em razão de a integralidade do educando constituir-se num complexo constantemente submetido (pela intervenção pedagógica) e autossobmetido (pela autocrítica do educando) a processos de desenvolvimento temporariamente estáveis (RAYS, 2012, p. 41).

Esse raciocínio de construção da existência humana e de uma educação mais crítica concilia-se com Saviani (2007), que explana a respeito do trabalho como alicerce da sociedade, possuindo estreita ligação com a educação. Em outras palavras, é por meio do trabalho que o homem tem a sua sobrevivência garantida, haja vista que, diversamente dos outros seres vivos, a natureza não assegura sua subsistência e a conservação de sua espécie sem a atividade laboral. E, neste processo de edificação da vivência humana, estabelece-se um autêntico processo educacional, pois os homens constantemente relacionam-se uns com os outros com o intuito de transmitirem os conhecimentos decorrentes dessa produção material, inclusive às gerações futuras.

Em vista disso, Saviani (2007) assevera que o trabalho ultrapassa a simples concepção de instrumento para o sustento material, pois possui também uma natureza histórica e ontológica: histórica em virtude de ser uma construção realizada com o passar dos séculos desde o surgimento do ser humano; e ontológica devido aos frutos desse trabalho serem a própria formação do ser humano.

Ora, o ato de agir sobre a natureza transformando-a em função das necessidades humanas é o que conhecemos com o nome de trabalho. Podemos, pois, dizer que a essência do homem é o trabalho. [...] O que o homem é, é-o pelo trabalho. A essência do homem é um feito humano. É um trabalho que se desenvolve, se aprofunda e se complexifica ao longo do tempo: é um processo histórico. [...] Se a existência humana não é garantida pela natureza, não é uma dádiva natural, mas tem que ser produzida pelos próprios homens, sendo, pois, um produto do trabalho, isso significa que o homem não nasce homem. Ele forma-se homem. Ele necessita aprender a ser homem, precisa aprender a produzir sua própria existência. Portanto, a produção do homem é, ao mesmo tempo, a formação do homem, isto é, um processo educativo. A origem da educação coincide, então, com a origem do homem mesmo (SAVIANI, 2007, p. 154).

Nessa perspectiva, Ciavatta e Ramos (2011) elucidam que o ensino médio integrado possui o trabalho como princípio educativo, ou seja, compreende este conceito em seu sentido histórico-ontológico. Assim, o trabalho transcende a simples concepção de meio de produção material da vida e adquire caráter de sustentáculo epistemológico e pedagógico que oferece a todos os sujeitos a percepção ampla do processo histórico de produção científica, tecnológica e cultural sobre a qual se fundam as diversas relações sociais. Desse modo, o ensino médio integrado busca proporcionar a integração de todas as dimensões da vida - trabalho, ciência e cultura - a partir da compreensão da totalidade das relações produzidas por meio do trabalho, visando à construção da autonomia dos indivíduos em formação.

À vista do exposto, infere-se que a formação de consciência crítica acerca da educação e de sua função perante a sociedade importa em um real comprometimento pedagógico por parte de todos os envolvidos. Nessa conjuntura, o estágio no ensino médio integrado articula-se com o mundo do trabalho não apenas como preparação prática para o futuro exercício de profissões, como pode aparentar em uma análise mais superficial.

Em uma verificação mais profunda, o estágio ganha uma dimensão maior e torna-se uma ação pedagógico-profissional que possibilita aos estudantes uma apreensão mais aclaradora sobre os meios em que estão inseridos, ao expandir a compreensão a respeito dos elementos sociais, políticos, culturais e econômicos que envolvem a formação em curso. Conhecer o mundo do trabalho em sua real amplitude é algo de suma importância para transformar o exercício do estágio em uma das pontes que ligam o estudante a um ensino e a um futuro mais reflexivos, participativos e críticos.

Para tanto, a partir da análise dos autores mencionados, entende-se que o estágio merece atenção especial por parte das instituições de ensino quanto a sua configuração e sua implantação junto aos discentes. Essa importante etapa exige ser uma atividade planejada e materializada com cuidado, a fim de que possa contemplar as necessidades apresentadas pelos alunos e ser fortalecida no princípio educativo do trabalho.

Sendo o IFG uma instituição comprometida com o desenvolvimento do ensino integrado, e entendendo o estágio como fundamento necessário para uma formação não fragmentada, a

pesquisa relatada nesse artigo buscou nos alunos investigados o entendimento deles acerca desta etapa. Considera-se esse exame crucial para a reflexão e a discussão sobre as práticas concernentes à constituição das atribuições, responsabilidades e prerrogativas a serem desenvolvidas nessa fase formativa, que, por sua vez, possibilita a promoção da criticidade frente à complexidade que permeia o mundo do trabalho.

O ESTÁGIO NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO DO IFG

Embasado na Lei nº 11.788/2008, o IFG dispõe de legislação acadêmica própria acerca do estágio (Resolução IFG nº 57/2014), que determina as condições para a realização dessa prática formativa em seus níveis de ensino médio e superior.

Assim, considerando o estágio como uma possibilidade de experiência acadêmica, profissional e de expansão dos conhecimentos dos alunos por meio da correlação teoria-prática, a referida legislação interna estabelece que esta fase deve “ser um instrumento de inserção profissional do estudante na vida social, econômica, política e cultural, bem como de facilitar sua futura inserção no mundo do trabalho” (art. 5º, II). Além disso, dispõe que esse período formativo deve ser organizado de modo a “facilitar o desenvolvimento psicossocial do estudante à sua futura atividade profissional, cabendo ao IFG zelar para que o estágio represente uma atividade pedagógica integradora” (art. 5, IV) (IFG, 2014).

A Lei nº 11.788/2008 determina a possibilidade de realização do estágio obrigatório e não obrigatório, conforme as diretrizes curriculares de cada etapa, modalidade e área de ensino, e o projeto pedagógico do curso (PPC). O estágio obrigatório é aquele cujo cumprimento da carga horária constitui um dos requisitos para conclusão do curso; já o não obrigatório é o desenvolvido com caráter de atividade opcional, acrescida à carga horária regular e obrigatória. Em ambos os casos, os estudantes do IFG devem possuir a idade mínima de 16 anos (IFG, 2014).

Com vistas ao bom andamento das atividades a serem desempenhadas, devem ser firmados um Termo de Compromisso de Estágio (TCE) e um Plano de Atividades de Estágio Curricular entre todas as partes envolvidas, ou seja, a unidade concedente do estágio, o IFG e o discente. O TCE tem duração máxima de doze meses, podendo ocorrer renovação do estágio curricular por meio de novos TCE e Plano de Atividades. Ao todo, o estágio curricular não poderá ultrapassar dois anos na mesma parte concedente (exceto nos casos de estagiários com necessidades especiais), a fim de que não ocorra a caracterização de vínculo empregatício (BRASIL, 2008; IFG, 2014).

Em relação aos cursos apresentados neste artigo, o estágio curricular obrigatório é permitido, pelos respectivos PPCs, aos alunos do terceiro e último ano do ensino médio, momento em que já possuem um maior conhecimento teórico acerca das disciplinas técnicas de seus cursos e podem articulá-lo com as experiências práticas propostas durante a realização dos estágios. Além disso, o estágio curricular obrigatório tem duração de 200 horas a serem cumpridas em jornada não superior a 4 horas diárias, sendo estas compatíveis com as demais atividades escolares.

Vale ressaltar que o próprio IFG está apto a ofertar vagas de estágio curricular obrigatório para seus alunos, visto que dispõe de ambientes acadêmicos, laboratórios, oficinas e setores administrativos como campos de estágio (IFG, 2014). Referente às demais unidades concedentes, estas podem ser pessoas jurídicas de direito público ou privado, profissionais liberais de nível superior devidamente registrados em seus conselhos profissionais, ou ainda organizações da sociedade civil (BRASIL, 2008).

Salienta-se que a Lei nº 11.788/2008 determina, dentre outros elementos, que a parte concedente do estágio disponibilize um funcionário de seu quadro de pessoal, com formação ou experiência profissional na área de conhecimento do curso do estagiário, com a finalidade de orientar e supervisionar até 10 (dez) alunos simultaneamente. Conforme legislação interna do IFG, ao supervisor de estágio cabe, principalmente, a elaboração do Plano de Atividades em conjunto com o discente, bem como o acompanhamento e a avaliação deste durante o estágio (IFG, 2014).

Ademais, com o intuito de assegurar que as atividades previstas sejam integralmente cumpridas com ética e respeito aos direitos e deveres de cada uma das partes envolvidas, o estágio deve ser desempenhado também mediante um professor orientador, a quem compete, dentre outros aspectos, o acompanhamento do estágio - seja no IFG ou em outra unidade concedente -, a orientação do aluno quanto à construção de seu Plano de Atividades e a aprovação do relatório de atividades entregue periodicamente pelo estagiário, com visto do supervisor e em prazo não superior a seis meses (IFG, 2014).

METODOLOGIA

Para a pesquisa relatada nesse artigo, além da pesquisa bibliográfica, foram escolhidos para a coleta de dados junto aos alunos três cursos do Câmpus Anápolis do IFG: Técnico em Comércio Exterior, Edificações e Química. A escolha desses cursos foi motivada tendo em vista que são compostos por estudantes na faixa etária de 16 a 18 anos de idade que, em sua maioria, ainda ingressarão no mundo do trabalho e, em vista disso, necessitam de melhores instruções sobre essa nova etapa.

A investigação foi realizada por meio de um evento no formato de ciclo de palestras, ocorridas em 17 de maio de 2019, com o intuito de orientar os referidos discentes quanto à importância do estágio no âmbito da educação integrada, visando à preparação consciente para o universo profissional em seus múltiplos aspectos. Assim, o estágio foi abordado como uma etapa educacional em que teoria e prática devem ser desenvolvidas de maneira simultânea, de forma a ampliar saberes científicos e profissionais. O estágio também foi apresentado como uma porta de acesso para o mundo do trabalho, sendo este, por seu turno, marcado por possibilidades, contradições e limites determinados por contextos socioeconômicos, políticos e culturais.

Com a finalidade de promover um esclarecimento mais assertivo dos alunos para a concretização do estágio, a intervenção pedagógica contemplou também informações sobre os procedimentos legais e administrativos para a efetuação dessa prática formativa, sobre a relevância de conhecer os ambientes profissionais em que atuarão nessa etapa e acerca da importância de manter relações pessoais éticas, conscientes e enriquecedoras no ambiente profissional.

As temáticas apresentadas nas palestras surgiram de demanda apontada pela Coordenação de Interação Empresa-Escola do câmpus pesquisado, que atua diretamente na organização das atividades inerentes ao estágio curricular obrigatório.

Para a coleta dos dados, ao final do evento realizado como intervenção pedagógica, foi proposto um questionário a fim de captar as compreensões e as considerações dos discentes a respeito do estágio e da avaliação pessoal quanto às exposições realizadas nas palestras. Ao todo, 37 questionários foram aplicados, sendo estes respondidos por todos os participantes da intervenção.

A partir das informações constantes nas respostas dos questionários e de observações acerca das interações com os alunos realizadas no evento, foram levantadas algumas questões que serão analisadas por temas de destaque em uma abordagem qualitativa. Dessa forma, os pontos mais relevantes sobre o público pesquisado e sua relação com o mundo do trabalho, em especial com o estágio, constam salientados nos resultados da pesquisa.

RESULTADOS DA PESQUISA

Diante dos resultados coletados, é possível observar uma forte relação estabelecida pelos estudantes pesquisados entre o estágio e o mundo do trabalho. O intercâmbio entre estas duas realidades constitui importante momento de construção de conhecimentos profissionais, sociais e culturais, saberes estes muitas vezes inéditos para os alunos, posto que a maioria não possui experiências anteriores com o mundo do trabalho.

A partir disso, observa-se que o estágio é compreendido pelos estudantes como um momento de vivência em um ambiente que atribui a eles um determinado protagonismo em suas ações e também, portanto, exigências quanto às responsabilidades decorrentes do âmbito profissional.

Depreende-se das respostas apresentadas que o estágio é percebido como uma fase envolta de expectativas, descobertas e também frustrações, situações essas típicas de qualquer meio profissional. Para os discentes, essa etapa formativa ultrapassa a concepção de simples requisito curricular para a conclusão da formação escolar no ensino médio integrado e constitui-se como uma ponte para um universo de novas problematizações perante uma realidade social que aos poucos desvela-se por meio do desenvolvimento reflexivo em seus locais de atuação.

Isto torna-se claro a partir de duas perguntas que questionavam os estudantes a respeito do que esperam acerca do estágio ainda não realizado ou, caso já o tivessem iniciado, se estavam gostando dessa etapa formativa. Diante das várias respostas apresentadas, conclui-se que a maior parte dos alunos compreende o principal significado e objetivo dessa fase, isto é, a vivência profissional rica em informações e em um ambiente que os prepara para uma posterior atuação profissional.

Apontamentos como, por exemplo, “através do estágio tenho tido mais conhecimento sobre onde irei atuar”; “espero que eu possa sair de lá com os meus conhecimentos ainda mais fixados e, claro, já ter uma experiência na minha área de trabalho”; “espero retirar algumas dúvidas sobre o trabalho e como é a relação com o meu campo de atuação”; “espero que o estágio contribua para minha vida no mercado de trabalho”; “gosto do estágio porque há vários projetos interessantes que ‘faz’ com que eu conheça um ramo da Química que eu não tinha contato antes”; “espero com o estágio contribuir em âmbito particular e coletivo com um processo de crescimento e aprendizagem”; e “o estágio é bom pois me proporciona estar em contato com outras pessoas que têm visões diferentes” revelam na concepção dos discentes a ligação entre estágio e mundo do trabalho, bem como as decorrentes assimilações sobre a realidade social.

O segundo ponto que se destaca na análise dos dados levantados é o entendimento do estágio como “experiência” e “aprendizagem”, tal como afirmado por Metz e Pienta (2011) e Buriolla (1999). Uma das perguntas propostas aos participantes da pesquisa solicitou a definição de estágio em apenas quatro palavras, e as mais apresentadas foram estas, apresentadas anteriormente, tendo cada uma 19 citações. Na sequência, as palavras “conhecimento” e “oportunidade” obtiveram também considerável destaque com 17 e 08 citações, respectivamente.

Dos 37 alunos investigados, 24 ainda não haviam feito o estágio no momento da pesquisa e 13 já haviam iniciado. Dentro desse último grupo, poucas foram as falas referentes à insatisfação com o andamento da formação adquirida nessa fase: “não era nada do que prometeram, falaram que eu iria estar presente nas obras, mas até agora só mexi com papelada antiga”; e “por enquanto não estou gostando, é um pouco entediante”.

Porém, para os demais alunos, o estágio representa uma oportunidade de experimentações, treino e aquisição de saberes, o que fortifica a necessidade desse período formativo como atividade de ensino. De modo geral, os discentes pesquisados concebem o estágio sob um caráter de contribuições positivas para a sua formação, aprimoramentos estes ocasionados também devido às relações desenvolvidas com o supervisor de estágio, com o professor orientador e com os demais sujeitos envolvidos, bem como pelos conhecimentos adquiridos ao longo do curso. Salienta-se que dos 13 alunos que já haviam iniciado o estágio, 11 responderam que estes conhecimentos estavam sendo suficientes para a realização dessa etapa formativa.

Assim, dado o objetivo do IFG quanto ao estágio ser uma oportunidade de incremento do desenvolvimento social, econômico, político e cultural de seus educandos, verifica-se que os estudantes apreenderam esse propósito, pois acreditam que esse período pode efetivamente fortalecer suas formações profissionais.

Cumpram-se, no entanto, que algumas poucas falas revelam um ponto que demanda mais cuidado no planejamento e na estruturação do estágio no campo pesquisado: a separação existente para alguns estudantes entre teoria e prática. Em outras palavras, alguns alunos estabelecem a dissociação entre as disciplinas curriculares e o estágio, como se pode observar nas seguintes respostas coletadas: “gosto do estágio, pois estou aprendendo na prática o que eu vi teoricamente”; “[o estágio] é bom porque estou colocando em prática o que aprendi na teoria”; e “estou aprendendo na prática todos os conteúdos que meus professores passaram na teoria”.

Desse modo, não obstante a necessidade da indissociabilidade entre teoria e prática nas atividades pedagógicas exposta por Metz e Pienta (2011), Buriolla (1999), Pimenta e Lima (2012) e Rays (2012), percebe-se um ponto a ser melhor elaborado pelos docentes e responsáveis pelo estágio desenvolvido pelo IFG. Assim, verifica-se a necessidade de construção de uma concepção que aprofunde nas práticas educacionais a relação entre os conhecimentos teórico e prático como aspectos que caminham juntos, a fim de oportunizar novas descobertas e condutas críticas face à realidade objetiva que se apresenta aos alunos.

Outro tema relevante que é possível identificar é a necessidade sentida pelos alunos quanto à existência de espaços formativos que os preparem de modo mais diretivo e concreto para os desafios que serão vivenciados no mundo do trabalho. Nessa perspectiva, a formação deve referir-se não somente aos aspectos técnicos vivenciados no estágio, mas também às questões de cunho comportamental e burocrático, a exemplo dos temas ministrados nas palestras da intervenção pedagógica.

Nas perguntas do questionário referentes à avaliação do evento, é possível constatar que orientações e discussões que envolvem assuntos como os relacionamentos interpessoais no contexto profissional, e as condições jurídicas e administrativas necessárias para a realização do estágio são bem recebidas pelos alunos.

Muitas foram as dúvidas levantadas no evento quanto aos meios para obtenção de uma vaga de estágio, sobre os procedimentos para a formalização de todo o ciclo desse período formativo (relatórios e documentos necessários, cumprimento de cargas horárias e cronogramas etc.), quanto ao desenvolvimento de boas relações no ambiente de trabalho, e sobre os direitos e deveres profissionais e sociais envolvidos.

Esse tipo de formação não é comumente previsto na rotina das atividades de estágio do Câmpus Anápolis do IFG, mas aparece como requisição dos alunos, e pode ser adotada pelas propostas pedagógicas dos cursos em tela e ser novamente realizada em turmas futuras. Os alunos manifestaram bastante interesse na intervenção realizada, ao apresentar atenção constante quanto ao conteúdo exposto e exteriorizar questionamentos no decorrer das palestras, em forma de interação curiosa e reflexiva.

As palestras ministradas tiveram avaliação positiva, pois, dos 37 alunos pesquisados, 34 revelaram que gostaram do evento. A partir da análise de seus relatos, é possível afirmar que o objetivo da intervenção pedagógica foi alcançado e contribuiu de maneira satisfatória para a melhoria das estratégias de ensino e aprendizagem. Falas quanto à avaliação do evento demonstram isso: “a palestra deu um norte sobre o que não pode fazer no ambiente de trabalho, já que eu não tive experiência profissional anteriormente”; “os palestrantes foram úteis porque ainda não comecei o estágio e iniciá-lo com essas dicas será mais tranquilo”; “a palestra apresentou como arranjar um estágio, mas também como é importante agir e interagir nele”; “apresentou alguns erros que eu cometia e não percebi, documentos que preciso e onde procurar ajuda”; “o evento mostrou claramente em que áreas e como posso atuar no ambiente de trabalho”; “foi importante entender como se portar em uma entrevista de emprego e como me relacionar diariamente com as pessoas”.

Importante ressaltar que, em determinados momentos, as palestras transcenderam as finalidades a que se objetivavam, como pode ser verificado nas seguintes respostas: “as informações passadas contribuirão para minha formação tanto profissionalmente como socialmente”; “aprendi coisas novas que vou levar para a vida”; “gostei da palestra, porque foi bem útil, interativa e importante para o desenvolvimento profissional e pessoal”. Por esses relatos, é possível notar que esses alunos compreenderam que as reflexões e os conceitos apresentados na intervenção pedagógica são aplicáveis não somente no campo profissional, mas também na vida pessoal e social de modo geral, aperfeiçoando as relações que estabelecemos com diversos grupos sociais.

Ademais, observa-se no cotidiano educacional que, muitas vezes, o desafio inicial do estagiário é compreender sua localização profissional, educacional e existencial enquanto está exercendo suas atividades. Nesse sentido, muitas atitudes profissionais são resultado da forma de articulação que o sujeito estabelece consigo próprio, sendo, portanto, necessário refletir e preparar os alunos subjetivamente para a inserção nessa nova etapa.

Dessa forma, constata-se a importância de a educação básica promover a formação integral de todas as dimensões do ser humano, e desenvolvê-lo continuamente para uma vida mais autônoma, tal como exposto por Ciavatta e Ramos (2011), não se limitando à preparação exclusiva para o mercado de trabalho.

Outro ponto que se destaca na análise das respostas apresentadas constitui o caráter financeiro aliado à formação educacional. Alguns alunos, ao responderem quais são suas expectativas quanto ao estágio ainda não iniciado, apontaram que esperam que ele proporcione remuneração no decorrer das atividades a serem desempenhadas. Algumas falas indicam claramente essa questão: “espero que eu produza bem, adquira conhecimento e que seja remunerado”; “quero aprender mais, adquirir mais experiência, que haja remuneração e uma boa relação com os outros”.

Percebe-se, então, que, embora a aprendizagem e a vivência profissional sejam os pontos mais relevantes na visão desses estudantes, alguns deles revelam também a necessidade de um aporte financeiro que possibilite maior assistência econômica durante a formação no ensino médio, o que se constitui um incentivo para o prosseguimento do estágio. Nesse sentido, outro

discente, ao relatar sua vivência já iniciada nessa prática formativa, menciona que: “apesar da experiência, não estou recebendo remuneração”.

Esse aspecto financeiro do estágio ganha particular relevância no campo pesquisado, pois é possível presenciar cotidianamente no IFG que alguns alunos são provenientes de famílias de baixa renda.

Tal situação, por sua vez, reporta à realidade apresentada por Ciavatta e Ramos (2011) quanto às adversidades econômicas enfrentadas por diversos jovens brasileiros para a constituição de uma carreira escolar independente, frente à necessidade do trabalho para seu sustento. Assim, elucidam as autoras, a educação integrada impõe-se aos jovens da classe trabalhadora também sob a forma de conjugação do ensino médio com a educação profissional, pois torna o ambiente escolar mais atrativo para aqueles que necessitam ingressar no mundo do trabalho após a conclusão da educação básica.

Nessas circunstâncias, cabe salientar que a remuneração no estágio pode ser um incremento favorável à formação escolar. Por força da Lei nº 11.788/2008, todos os alunos que realizam o estágio não-obrigatório devem receber bolsa ou outra forma de contraprestação, bem como o pagamento do auxílio-transporte. Porém, esse recebimento é facultativo no caso do estágio curricular obrigatório.

Ademais, um dos itens que ressaem a partir da análise dos dados dos questionários é o gênero ao qual os alunos participantes declararam pertencer. Dos 37 questionários aplicados, 25 foram respondidos por estudantes do gênero feminino. Isso demonstra que as mulheres tiveram maior interesse em comparecer à intervenção pedagógica proposta, uma vez que a presença dos alunos não era obrigatória, e que as palestras foram previamente divulgadas a todos os discentes.

Entretanto, os três cursos que participaram da pesquisa – Técnico em Comércio Exterior, Edificações e Química – constituem cursos que, do ponto de vista cultural, são mais pensados para os homens do que para as mulheres, pois as profissões técnicas abarcadas por eles são mais comumente exercidas por pessoas do gênero masculino. Conseqüentemente, é possível constatar a necessidade de desconstrução da visão masculinizada desses cursos face ao ingresso de muitas adolescentes do gênero feminino, assim como em razão da promoção de um ensino mais igualitário e democrático que não permita a diferenciação no tratamento pedagógico em decorrência do gênero dos estudantes.

Essa necessidade de mudança encontra-se explicitada em uma das falas apresentada por uma aluna do curso Técnico em Edificações. A discente questiona a forma como é tratada pelo professor orientador no exercício do estágio, fato que revela a existência de uma diferenciação em relação aos colegas do gênero masculino: “Por ‘mim’ ser mulher e cursar o ensino médio, eles apenas me passam os serviços mais leves e fáceis”. Dessa forma, fica demonstrado que a aluna identifica um prejuízo em sua formação, sendo este um ponto que merece atenção quanto ao modo como concretiza-se o estágio.

Por fim, a partir da observação dos questionários, salienta-se a questão referente às expectativas dos alunos quanto ao futuro profissional, pois muitas falas desvelam suas preocupações quanto à atuação no mundo do trabalho não apenas durante o estágio, mas também por toda a vida. O interesse dos estudantes quanto às informações repassadas na intervenção pedagógica aponta que eles estão atentos às noções necessárias para o desenvolvimento de bons relacionamentos no âmbito profissional, o qual exige uma postura crítica e um comportamento que expresse seriedade e comprometimento no exercício das atividades laborais.

Nesse sentido, os discentes demonstraram considerável curiosidade em conhecer informações mais abrangentes acerca das áreas técnicas em que podem atuar de acordo com suas

formações e sobre como devem agir em uma entrevista de seleção de estágio ou trabalho. Além disso, apresentaram interesse em entender mais a respeito de como podem ingressar no mundo do trabalho de maneira mais eficiente e consciente, por meio da compreensão da realidade social, cultural, política e econômica que se apresentará a eles após a conclusão do ensino médio integrado.

Tais apontamentos revelam uma atenção efetiva quanto ao estágio e à atuação no mundo do trabalho, estando expressos em falas como: “quero que o estágio me traga uma experiência útil para a minha vida profissional”; “com o estágio quero conseguir experiência para atuar com efetividade na área”; “acho que o estágio será decisivo se eu permaneço ou vou embora da área [técnica]”; “com o estágio tenho mais conhecimento sobre onde irei atuar”; “espero que o estágio seja um local de aprendizado e que eu adquira experiência profissional”.

Quando perguntados se gostariam de serem efetivados no local de atuação após a conclusão do estágio, 24 alunos responderam que sim, em contraposto a 10 alunos que responderam que não, e a 03 que não responderam. Desse modo, verifica-se que uma quantidade significativa dos alunos pesquisados apresenta interesse em continuar atuando no campo profissional após a conclusão dessa prática formativa, sendo esta compreendida como uma oportunidade para essa continuidade profissional.

Tal cenário reforça mais uma vez a necessidade do ensino médio integrado na conjuntura brasileira, assim como explicitado por Ciavatta e Ramos (2011), pois a profissionalização por ele contemplada possibilita a vinculação dos estudantes ao mundo produtivo após a conclusão da educação básica.

Além disso, os jovens pesquisados expressaram, durante a intervenção pedagógica, uma clara vontade de trabalhar nas suas áreas de formação técnica, ainda que não possuam a aspiração de serem efetivados exatamente nos locais onde estavam realizando ou iriam realizar o estágio.

Em suma, podemos observar que os alunos desta pesquisa demonstraram relevante intenção quanto à construção de um futuro no mundo do trabalho, com conhecimentos amplos e diversificados. Para isso, buscam apropriar-se de saberes para o exercício de suas profissões, o que favorece a constituição de suas autonomias pessoais, profissionais e sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar a pesquisa relatada nesse artigo constituiu, em primeiro lugar, uma oportunidade de vivência junto aos alunos investigados e uma compreensão mais próxima da realidade experimentada por eles quanto ao estágio exercido como componente curricular obrigatório. Entendemos que essas ocasiões são essenciais para o bom desenvolvimento das práticas pedagógicas, uma vez que, a partir da troca de saberes, opiniões, críticas e sugestões, é possível (re)pensar e materializar novos contextos formativos, considerando as necessidades impostas pela realidade sempre dinâmica.

Esses momentos têm especial importância no final do ensino médio integrado, período em que parte significativa dos estudantes está prestes a ingressar no mundo do trabalho, surgindo, assim, a necessidade de uma orientação mais detalhada acerca dessa realidade. Nessa perspectiva, compreender as assimilações dos estudantes quanto ao estágio, por meio do diálogo e da pesquisa, pode viabilizar que as instituições de ensino melhor direcionem suas ações rumo à formação de pessoas mais reflexivas quanto às implicações sociais, culturais, políticas e econômicas de sua futura atuação profissional.

Mesmo que alguns ajustes sejam necessários na condução do estágio no Câmpus Anápolis do IFG por parte dos responsáveis na instituição, podemos constatar que os jovens compreendem o estágio como aprendizagem relevante em suas formações, da qual podem apropriar-se de diversos saberes profissionais e dos contextos que se estruturam a partir desse âmbito. Esses conhecimentos podem repercutir por toda a vida deles e contribuir para sua emancipação e ingresso no mundo do trabalho, o que nos remete à imprescindibilidade do estágio enquanto prática formativa.

Por último, a investigação realizada proporcionou também aos alunos do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica o exercício da pesquisa como fundamento do processo de ensino e aprendizagem, sendo muito proveitosa a experiência junto aos estudantes do ensino médio integrado, tanto nos aspectos profissionais quanto pessoais. Esse envolvimento com o contexto educacional real é parte fundamental para a constituição de conhecimentos mais consistentes no campo das investigações acadêmicas, sendo favorável ao crescimento de todos os envolvidos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm]. Acesso em 09.ago.2019.

BRASIL. **Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008.** Dispõe sobre o estágio de estudantes. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm]. Acesso em 09.ago.2019.

BURIOLLA, Marta Alice Feiten. **O estágio supervisionado.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. Ensino médio e educação profissional no Brasil: dualidade e fragmentação. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 5, n. 8, p. 27-41, jan./jun. 2011.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura.** Trad. Carlos Nelson Coutinho. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. (Coleção Perspectivas do Homem. Série Filosofia).

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa.** 3. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p. 315.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS. **Resolução nº 057, de 17 de novembro de 2014.** Dispõe sobre o regulamento de estágio curricular dos cursos de educação profissional técnica de nível médio e do ensino superior do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás. Goiânia, 2014. Disponível em: [<http://www.ifg.edu.br/index.php/component/content/article?id=7330>]. Acesso em: 09.ago.2019.

METZ, Maristela Cristina; PIENTA, Ana Cristina Gipiela. **Estágio supervisionado: da docência à gestão na educação básica.** Curitiba: Fael, 2011.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção docência em formação. Série saberes pedagógicos).

RAYS, Oswaldo Alonso. A relação teoria-prática na didática escolar crítica. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). **Didática: o ensino e suas relações**. 18. ed. Campinas: Papirus, 2012, p. 33-52.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 152-165, jan./abr. 2007.

Submetido em: julho de 2020

Aprovado em: setembro de 2020